

15a
edição**História e Biografia: limites e possibilidades teóricas**

Por Livia Beatriz da Conceição

E-mail: liviabeatrizd@ig.com.br.

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ).

Resumo: Neste artigo temos por objetivo fazer uma reflexão teórico-metodológica sobre o gênero biográfico, percebendo, nesse caminho, o contexto de criação das biografias de nosso próprio tempo. Procuramos mapear as possibilidades e os limites de relações que podem ser constituídas entre uma narrativa biográfica e a escrita da história, a partir da problematização de estudos que se dedicam ao tema.

Palavras-chave: Biografia. Teoria. História Política.

Abstract: This article aims to develop a theoretical methodologic reflection about the biographical genre, realizing, in this way, the context on the creation of nowadays biographies. We map the whole possibilities and the limits of relations that can be constituted between a biographical narrative and the writing of the history, from the problematization on studies which are dedicated to this subject.

Keywords: Biography. Theory. Politics History.

Em “*Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira*”, Márcia de Almeida Gonçalves nos chama a atenção para o fato de que o momento em que Lúcia Miguel Pereira escreve a sua biografia sobre Machado de Assis seria um tempo de “epidemia biográfica”[1]. Certamente tal epidemia também faz parte de nosso tempo presente. Poderíamos até nos arriscar e dizer que somos herdeiros disso! E as ponderações de Gonçalves nos levam a refletir sobre isso.

Leonor Arfuch, em seu *Espaço biográfico*, também nos alerta para isso, ao afirmar que o boom do valor do biográfico, do sujeito individual, está presente não somente no meio acadêmico. E é exatamente através de uma problematização dos usos desse biográfico que a autora em questão nos faz pensar sobre os dilemas de nossa própria subjetividade contemporânea[2].

Alguns são os fatores que podem ser apontados para entendermos o porquê dessa significativa procura pelo indivíduo. Um deles precisa ser destacado: o discurso pós-moderno, numa crítica aos macromodelos explicativos e suas teorias sociais globais, que se converte numa valorização das plurais e microações individuais, numa busca pela subjetividade dos sujeitos[3].

Neste artigo, temos por objetivo fazer uma reflexão teórico-metodológica sobre o gênero biográfico, percebendo, nesse caminho, o contexto de criação das biografias de nosso próprio tempo. Procuraremos mapear as possibilidades e os limites de relações que podem ser constituídas entre uma narrativa biográfica e a escrita da história, a partir de uma problematização de estudos que se dedicam ao tema.

Faz-se necessário, contudo, deixar claro que esta busca pelo sujeito individual e pela narrativa não se restringe, evidentemente, ao campo do conhecimento histórico. Porém, para o objetivo em questão, optamos por seguir essa linha central de análise[4].

O gênero biográfico em questão

As discussões relativas às relações que podem ser constituídas entre uma narrativa biográfica e a escrita da História inscrevem-se num movimento maior da historiografia nas últimas décadas de uma série de retornos. Um deles tem especial atenção nas linhas que se seguem: o renascimento da história política como campo possível de estudo, com a valorização do sujeito, do acontecido e da narrativa na história; e através da percepção desse político como um espaço de articulação do social e sua representação[5].

Segundo Philippe Levillain, é nesse contexto de retorno e constituição de um novo tipo de história política, que procura dar voz ao indivíduo na história através de uma valorização da ação e dos atores, que podemos entender o florescimento contemporâneo da escrita biográfica como forma de conhecimento histórico[6].

Um gênero biográfico, porém, diferente, reformado, que tem por objetivo, como defende Sabina Loriga, analisar o homem comum, e não mais os grandes vultos, em sua multiplicidade, incoerente e conflituoso, como forma de escapar a uma concepção cerceadora das vontades individuais, uma vez que:

O indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e nas ineficácias normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder[7].

Entender os sujeitos históricos em sociedade, nesse sentido, “a fim de interpretar a rede de relações e obrigações externas na qual ele[s] se insere[m]”[8], é perceber sua autonomia, mesmo que “culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada”[9], dentro do sistema social e político. Segundo Giovanni Levi, uma biografia é um importante mecanismo de entendimento dessas liberdades de escolha individuais, das liberdades de ação, mesmo que restritas e certamente incertas e instáveis, dentro do contexto normativo, que não é absoluto, mas sim contraditório e, por vezes, incoerente, abrindo, com isso, uma brecha para as estratégias de ação dos agentes históricos. Em suas palavras:

Nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação, ou de interpretação das regras, de negociação. [...] A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas. [Com isso, evitar-se-ia] [...] abordar a realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações, mostrando, ao contrário, que a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada desprezíveis. Talvez [esta] seja apenas uma nuance, mas [...] não se pode analisar a mudança social sem que se reconheça previamente a existência irreduzível de uma certa liberdade vis-à-vis as formas rígidas e as origens da reprodução das estruturas de dominação[10].

Uma narrativa de vida, assim, deve estar sempre atenta aos seguintes problemas: “a relação entre normas e práticas, entre indivíduo e grupo, entre determinismo e liberdade, ou ainda entre racionalidade absoluta e racionalidade limitada”[11]. O método biográfico, desta forma, não pode ser qualificado como ilusório, no sentido em que devemos relativizar a ideia de que há uma força limite dos laços normativos, dos mecanismos sociais e institucionais sobre as percepções e iniciativas individuais.

Ao discutir a proliferação dos escritos biográficos entre historiadores e jornalistas, Benito Schmidt nos chama a atenção para o fato de que “uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade é [exatamente o de] recuperar a *tensão*, e não a oposição, entre o individual e o social”[12]. Ou ainda, em outro artigo, seria função do historiador-biógrafo adotar “estratégias narrativas que estabeleçam uma permanente *tensão* entre o personagem e os constrangimentos/possibilidades de sua época”[13].

Em trabalho publicado recentemente sobre Gilda Marinho, Schmidt nos leva a refletir sobre a ideia de que as chamadas qualidades dessa mulher “excepcional” são fruto de uma construção social, na medida em que sua

inteligência, sua beleza, características estas presentes desde sua juventude, “só puderam se evidenciar pelo fato de ela participar de grupos nos quais tais qualidades eram valorizadas e estimuladas”[14] .

Portanto,

Se Gilda já se destacava naquela época, não era por ser “excepcional” ou por estar “à frente de seu tempo”, mas por apresentar as qualidades desejadas para as moças que formavam a “constelação divina” das filhas abastadas de Pelotas [15].

A militante comunista, poetisa e professora Laura Brandão, segundo Maria Elena Bernardes, ignorava “as ‘raias’ apertadas das normas da conveniência predominantes”[16] de seu tempo, uma vez que “contrariando a normatização ditada, recebia em sua casa e era recebida por seus amigos homens, inclusive em encontros a sós, e não apenas em ocasiões sociais”[17] . Mas essa liberdade de ação tinha limites, tendo em vista que estava circunscrita a um momento em que “as normas de comportamento já não eram centradas no enclausuramento, como no caso da mulher do século XIX [...] que só saía às ruas nas raras situações, rigidamente previstas, de passeios com a família por ocasião de festas públicas e obrigações religiosas”[18] .

Diálogo estreito e profícuo entre liberdade de escolha individual e contexto social, numa reflexão acerca das possibilidades e dos limites das microações individuais dos agentes históricos frente às estruturas normativas. Essa é uma das preocupações de Márcia de Almeida Gonçalves em seu “Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira”. Numa análise acerca do período de elaboração da biografia desse mestiço, pobre e nevropata, a autora problematiza a ideia de que a intérprete e biógrafa Lúcia Miguel Pereira, ao desenhar em “papel e letras” um retrato de seu biografado, esteve “sob o crivo das dúvidas e impasses”[19] de seu próprio tempo.

Tempo esse de “incertezas, experimentações e desenganos”[20] , e que tinha como questões centrais não somente a problemática da “defesa do valor das ações e percepções individuais ante os condicionamentos e limitações institucionais e sociais”[21] , mas inclusive duas outras questões que também fazem parte de nosso próprio tempo presente nos estudos que se dedicam à escrita biográfica: o afastamento de uma representação do biografado como um sujeito com uma trajetória linear e ordenada; e uma preocupação em perceber e analisar as redes de sociabilidade nas quais um personagem se acha inscrito.

Começemos pela primeira. Muito já se criticou, a partir do artigo de Pierre Bourdieu sobre *A ilusão biográfica*, a ideia de que uma história de vida pode ser reconstituída como um trajeto coerente e linear dotado de sentido. Segundo o autor, “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos, com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica”[22] .

Ao contrário, “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório”[23] , como ele é percebido pelo romance moderno[24] .

Ao construir sua própria versão acerca da interpretação feita por Lúcia de Miguel Pereira de seu biografado, Márcia Gonçalves frisa que

Lucia de Miguel Pereira [...] fez da escrita biográfica uma experimentação, aquela que, ao se afastar da representação de uma trajetória linear de ações cumulativas e satisfatórias, carregou nas tintas da apresentação de vivências variadas, “dos fatos observáveis e ostensivos” aos “sonhos desfeitos” e “encontros fortuitos”, reunidos em narrativa comprometida com a formação do autor e da obra, esta suposta como sua melhor ação manifesta [25].

Uma escrita biográfica preocupada com as continuidades e discontinuidades de sua experiência de vida, com sua humanidade “contraditória e partida”[26] , esse sim o “*verdadeiro Machado*”[27] , uma vez que “ninguém, nem os mais geniais, [...] [é] o mesmo entre a juventude e a velhice”[28] .

Em artigo que se propõe a pensar sobre as biografias renascentistas, Peter Burke constrói uma comparação entre estas e as elaboradas nos dias atuais. E uma das principais diferenças observadas por ele é exatamente o fato de que os autores renascentistas percebiam o sujeito a ser biografado como um indivíduo com personalidade “estática, o produto fixo de um equilíbrio de humores e, para alguns escritores, o resultado inevitável de uma constelação de fatores ligados ao nascimento”[29].

Yonissa Wadi e Keila de Souza, ao interpretarem os escritos autobiográficos de alguns suicidas da região sob jurisdição da comarca de Toledo entre os anos de 1980 e 1993, afirmam que “a posição de escrevente, assumida pelos suicidas que deixam mensagens, permite [...] que se rompa com qualquer ‘ilusão biográfica’ sobre a existência de um eu coerente e contínuo, expresso em sua escritura”[30], uma vez que “são escritos de escreventes [...] que escrevem sem nenhuma preocupação literária, objetivando apenas certos fins, como testemunhar, explicar, ensinar, pedir ou mesmo denunciar, agredir, acusar”[31].

O Thomas Merton e o Amoroso Lima de Marcelo Timotheo da Costa também são percebidos como sujeitos históricos com trajetórias não retilíneas. Amoroso Lima, por exemplo, teve uma “lenta e não linear transformação no universo católico, movimento que duraria décadas, passando de um registro eclesial reacionário a outro liberal”[32].

A partir desses exemplos de biógrafos de nosso próprio tempo, podemos perceber a preocupação sempre constante desses autores em perceberem seus personagens como sujeitos múltiplos, conflituosos, entrecortados por decisões muitas vezes incertas, atentos àquilo que Aguirre Rojas chama de “curvas da vida”[33]; e não como indivíduos plenos, coerentes, lineares e objetivos, cuja existência pode ser absorvida em sua totalidade[34].

Para Leonor Arfuch, no ato de narrar se produz uma identidade, que é narrativa e construída no tempo da narrativa. Essa identidade narrativa faz uma ordenação do tempo, que se divide em tempo da experiência, tempo da narração e tempo da leitura. Esses três tempos são formas variadas de se perceber/apresentar a ação. Há, nesse sentido, uma diferença entre a instância da narração e a da ação. A vivência é caótica e fragmentária. A narração é que ordena essa vivência. Ou seja, fazemos uma construção narrativa no ato de narrar, pois quando narramos ordenamos a própria vida, criando uma inteligibilidade para a existência. Nesse sentido, não há como se ter uma aceção completa da vida através da narração ordenada, porque a vida é muito mais do que isso, é muito mais múltipla[35].

Resta-nos, neste momento, retomar o segundo ponto apontado anteriormente que também é uma constante nos estudos que se dedicam aos escritos biográficos de nosso tempo: uma perspectiva que, ao “reconstituir” uma história de vida, percebe o sujeito a ser biografado também a partir de sua interação social, uma vez que defendem a ideia de que um indivíduo constrói-se socialmente, em meio às redes de sociabilidade em que se inscreve.

Em *A sociedade dos indivíduos*, Norbert Elias afirma que nem indivíduo nem sociedade existem um sem o outro. Haveria uma inter-relação dinâmica, uma contínua interação entre o indivíduo e a sociedade, pois esta seria formada por indivíduos, e estes seriam constituintes da sociedade, não sendo possível considerar essas ideias separadamente. Por isso a concepção de uma “sociedade de indivíduos”, termos inexoravelmente imbricados[36].

Segundo Márcia Gonçalves, Lúcia de Miguel Pereira, na sua interpretação de Machado de Assis, teve o cuidado de estar atenta às sociabilidades constituídas por seu biografado, percebendo muitas vezes que “os lugares ocupados pelo jovem Machado de Assis em muito dependeram das amizades construídas”[37], num jogo no qual “o valor das experiências [são] tomadas como campo de possíveis de configurações das ações, escolhas, limitações e negociações”[38].

Nesse sentido, escrever uma história de vida é estar atento, certamente, aos “projetos e desejos que [...] [os] atores construíram e desconstruíram com o passar do tempo”[39]. Projetos esses, realizáveis ou não, de acordo com outros projetos individuais ou coletivos dentro de um “campo de possibilidades”[40].

Os projetos de Gilda Marinho, como o de projeção social, por exemplo, na percepção de Benito Schmidt, “realizaram-se [ou não] de acordo com as possibilidades e os limites dos meios sociais em que ela atuou”[41].

Ao falar sobre a “experiência biográfica”, Jacques Revel afirma que uma biografia:

Pode ser relida como um conjunto de tentativas, de escolhas, de tomadas de posição diante da incerteza. Ela não é mais pensável apenas sob a forma da necessidade – esta vida existiu e a morte a transformou em destino –, mas como um campo de possibilidades entre as quais o ator histórico teve de escolher[42].

Identificar e analisar as relações sociais tecidas por um indivíduo em seu mundo é de extrema importância em um trabalho biográfico. Relações estas que são plásticas, móveis, negociáveis, dentro de um campo de possíveis. Defendemos a ideia de que essa perspectiva analítica nos possibilita “apresentar de modo menos esquemático os

mecanismos pelos quais se constituem [essas] redes de relações, estratos e grupos sociais”[43] , isto é, as estruturas sociais.

Com isso, certamente, colocaríamos em cheque uma ilusória autorreferencialidade do sujeito. Não a sua morte, mas um redimensionamento de sua possibilidade de ação individual, naquilo que Leonor Arfuch chama de razão dialógica, numa crítica à ideia de que o sujeito se faz por ele mesmo, pois

Sabemos que não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; conseqüentemente, toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade [44].

Há, nesse sentido, uma relação de interdependência, de complementaridade entre o indivíduo e o grupo social, e qualquer abordagem sobre o eu precisa estar atenta, segundo a autora, a este “dialogismo”.

Aquele “novo político”, que tem os estudos biográficos como um de seus temas mais recorrentes, constrói-se nessa pluridisciplinariedade, numa troca com outras disciplinas, a exemplo da sociologia e da teoria literária, possibilitando, com isso, o trabalho com novas problemáticas e técnicas de investigação, além do uso de novos conceitos, como o de rede social, visto que “o político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social”[45] .

Entendemos esse político, assim, como “campo de representação do social” naquilo que René Rémond nos chama atenção:

Seria ingênuo acreditar que o político escape das determinações externas, das pressões, das solicitações de todo o tipo. Foi – e continua sendo – uma contribuição das pesquisas das últimas décadas lançar luz sobre o jogo dos interesses, as correspondências entre os pertencimentos sociais e as escolhas políticas, acompanhar a intervenção dos grupos de pressão e mostrar que a decisão política era resultante de uma multiplicidade de fatores [46].

Mas esses “laços [que] se atam [...] são mais difíceis de perceber do que parece”[47] . Contudo, segundo Jean-François Sirinelli, através de um inventariamento desses espaços de sociabilidade e, por conseguinte, de atuação diversificada de um dado sujeito histórico, podemos refletir, inclusive, sobre a própria interpenetração entre o afetivo e o ideológico.

Os escritos dos suicidas de Yonissa Wadi e Keila de Souza também são percebidos como “um espaço de sociabilidade privilegiado”[48] , uma vez que para eles “escrever mensagens de adeus [...] [configurou-se como um espaço e um momento [...] de ‘estreitamento (ou rompimento) de vínculos’ com outros indivíduos, impossível de ser conquistado em outras circunstâncias”[49] .

Tomar o gênero biográfico como questão, utilizando como possibilidade teórico-metodológica de análise o que defende esta “nova” história política, é perceber, assim, o indivíduo da história também em sua rede de relações. É trabalhar com a perspectiva de sua função mediadora e com o fato de que há uma margem de liberdade de ação, mesmo que restrita, desse ator social dentro do incoerente e conflituoso sistema de normas.

Compartilhamos, desta forma, da concepção de que essas estruturas normativas não existem para além da experiência vivida, mas são produzidas e negociadas nas relações estabelecidas entre os sujeitos, que são, por sua vez, mutáveis e instáveis. Essa perspectiva relacional “permite reformular a relação existente entre as normas e os comportamentos” [50], pois, nas palavras de Simona Cerutti,

A [uma] imagem da vida social governada por normas exteriores [e portanto a uma visão do comportamento individual como expressão de uma adesão ou de uma recusa dessas normas], [opõem-se] [...] uma concepção muito menos linear mas bem mais rica da relação existente entre indivíduo e o mundo circundante. O indivíduo [com isso] pode ser visto como um ser racional e social que persegue objetivos; as regras e os limites impostos às suas próprias capacidades de escolha estão essencialmente inscritos nas relações sociais que ele mantém. Eles se situam portanto na rede de obrigações, de expectativas, de reciprocidades, que caracteriza a vida social. Numa tal perspectiva, o centro da análise será constituído pelo próprio processo social – e portanto pelas interações individuais nos diferentes contextos sociais – e não apenas pelas instituições. Das estruturas e das instituições, a atenção se desloca [assim] para os processos e as interações[51] .

Para Simona Cerutti, assim entendidas, as relações sociais tornar-se-iam um contexto no qual se inscrevem biografias,

sendo, por isso, um importante instrumento de percepção do horizonte social dos atores, evitando o deslocamento do indivíduo e grupo social. Nesse esforço microanalítico, não teríamos o risco de perder de vista a compreensão da complexidade dessas relações que ligam os indivíduos, o tempo de suas experiências, de suas ações limitadas, de suas estratégias de negociação dentro do contraditório e incoerente sistema social e político, o tempo do acontecido, da narrativa histórica[52] .

Jacques Revel afirma que a microanálise se esforça “para dar à experiência dos atores sociais [...] uma significação e uma importância frente ao jogo das estruturas e à eficácia dos processos sociais maciços, anônimos, inconscientes, que por muito tempo pareceram ser os únicos a chamar a atenção dos pesquisadores”[53] , e “que governariam a vida dos homens”[54] . Mas “esse individualismo metodológico tem limites, já que é de um conjunto social – ou melhor, de uma experiência coletiva – que é sempre preciso procurar definir as regras de constituição e de funcionamento”[55] .

Segundo Benito Schmidt:

A recuperação dos sujeitos individuais na história pode ser vista como uma reação aos enfoques excessivamente estruturalistas, descamados de “humanidade”, que caracterizaram boa parte da produção historiográfica contemporânea [...]. Metodologicamente, esta mudança implica o recuo da história quantitativa e serial e o avanço dos estudos de caso e da micro-história[56] .

E esse resgate das microações individuais, como no caso das biografias, “normalmente é utilizado para iluminar questões e/ou contextos mais amplos”[57] . Nesse sentido, a microanálise, ou seja, a redução na escala de observação, é um procedimento analítico necessário a um estudo biográfico. Ou, dito de outra forma, uma biografia pode ser vista como um recurso possível para um “jogo de escalas”. Seria uma forma de perceber as vastas estruturas sociais, numa perspectiva macro, sem deixar de fora as vidas e os acontecimentos individuais, o espaço social de experimentação e atuação de cada indivíduo; entendendo que aquelas generalizações podem adquirir um significado completamente novo quando se altera a sua escala de observação.

De acordo com Simona Cerutti:

São as diferentes relações de escalas que geram decalagens de informações entre indivíduos que ocupam posições diferentes na hierarquia social, assim como entre indivíduos e grupos ou instituições. A diferença de escala, portanto, não é apenas resultado de um processo de construção do objeto pelo historiador [a escolha de objetos de dimensões diferentes]; ela é também “uma prerrogativa do próprio objeto”. Escalas diferentes implicam informações diferentes, possibilidades diversas de interpretação e ação. Essa leitura estratificada da realidade social contribui para restituir a pluralidade das vozes que a compõem[58] .

Um jogo estabelecido entre os fatos mais particulares e a dimensão mais ampla do contexto social, o que viabiliza, a nosso ver, a construção de uma leitura mais densa e rica das estratégias sociais desenvolvidas pelos diferentes atores, a exemplo dos trabalhos já consagrados pela historiografia de Giovanni Levi[59] e de Carlo Ginzburg[60] .

É no âmbito dessas preocupações que circunscrevemos as possibilidades de relações que podem ser constituídas entre uma narrativa biográfica e a escrita da História. E refletir sobre as idéias e práticas de um indivíduo em seu mundo é estar sempre atento, certamente, aos limites em sua liberdade de atuação. Mas as relações que em parte se precipitam sobre um sujeito não são, de forma alguma, cerceadoras a uma perspectiva de escolha.

Uma “grafia da vida”[61] , nesse sentido, constitui-se em um importante mecanismo de entendimento das brechas de liberdade de ação individuais, ainda que incertas, dentro das estruturas normativas, que são, muitas vezes, contraditórias.

Escrever uma história de vida é estar atento ao jogo relacional no qual o sujeito biografado esteve envolvido. A viabilidade de realização ou não de seus projetos vai depender de outros tantos projetos individuais e/ou coletivos. Redes de dependência e reciprocidade construídas ao longo de uma vida e que são plásticas, móveis, negociáveis, dentro, seguramente, de um contexto percebido enquanto campo de possíveis.

Narrar uma vida é lembrar,

Que os indivíduos biografados – como qualquer indivíduo -, a cada momento de suas vidas, têm diante de si um futuro incerto

e indeterminado, diante do qual fazem escolhas, seguem alguns caminhos e não outros. Se hoje esse futuro já é passado, e o resultado das escolhas feitas conhecido, o biógrafo tem a tarefa de recuperar o o ‘drama da liberdade’ (...) dos personagens – as incertezas, as oscilações, as incoerências e, por que não?, o papel do acaso – mostrando que suas trajetórias não estavam predeterminadas desde o início[62] .

Para finalizar, torna-se necessário acrescentar dois pontos importantes. O primeiro deles é o entendimento que temos da escrita biográfica como estratégia metodológica e narrativa, em especial no que diz respeito à reflexão que pode ser feita em relação ao par indivíduo/sociedade. Nessa perspectiva, “a biografia (...) (é) entendida como leitura do social”[63] .

O segundo e não menos importante é uma dica de E. Thompson já amplamente discutido pelos historiadores que se dedicam aos escritos biográficos e que deve nos servir de alerta: “é necessário expressar o ‘fazer-se’ do personagem ao longo de sua existência”[64] !

NOTAS:

[1] GONÇALVES, Márcia de Almeida. Mestiço, pobre, nevroputa: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp. 191-223.

[2] ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

[3] Não é objetivo deste artigo refletir sobre a crise do paradigma estruturalista. Para uma discussão a respeito, e sobre sua relação com o que estamos identificando como uma “epidemia biográfica”, ver, por exemplo, GUIMARÃES, Manoel Salgado. *A biografia como escrita da história*. Prefácio In: SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. De acordo com Manoel Salgado, esta valorização do sujeito, através de estudos que alertam para a necessidade de compreensão desses atores em ação, está correlacionada à idéia de um “giro subjetivo”, identificada por Beatriz Sarlo. Assim, “a voz do indivíduo, daquele que viveu a experiência e que, na condição de testemunho, seria capaz de deslizar da experiência para a narrativa, dotando-a, por isso mesmo, de uma capacidade de falar a verdade do acontecido pela via da vida do narrador”, se faz uma demanda para os escritos biográficos no tempo presente. *Idem, Ibidem*, p. 23. Ou ainda em Benito Bisso Schmidt, que ao tentar entender o porquê da emergência do gênero biográfico entre historiadores e jornalistas aponta como um dos fatores a crise do paradigma estruturalista, que leva, citando Chartier, a uma procura pelo “papel dos indivíduos na construção dos laços sociais”. SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997, p. 2.

[4] Como o texto em questão faz parte de um objetivo maior de reflexão sobre os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa biográfica de doutoramento em andamento sobre Joaquim José Rodrigues Torres, algumas das discussões aqui travadas já tiveram a oportunidade de serem problematizadas em outros momentos.

[5] Citando Pierre Rosanvallon, Marieta de Moraes Ferreira faz uma análise sobre o ponto em comum entre os autores dessa nova história política. Ver em FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha História”: o retorno da história política. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 265-271.

[6] LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003, pp. 141-184.

[7] LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, p. 249.

[8] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 179.

[9] *Idem, Ibidem*, p. 179.

[10] *Idem, Ibidem*, p. 179-180.

[11] *Idem, Ibidem*, p. 179.

[12] SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997, p.12.

[13] SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. História Unisinos*. São Leopoldo: Unisinos, Vol.8, nº 10, jul/dez, 2004, p. 137.

[14] SCHMIDT, Benito Bisso. *Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”*. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 160.

[15] *Idem, Ibidem*, p. 160.

[16] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: dos salões aos comícios*. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 259.

[17] *Idem, Ibidem*, p. 259.

- [18] *Idem, Ibidem*, p. 264. Para Maria Elena Bernardes, esta mudança de posição devia-se principalmente ao fato de que “a crescente urbanização e o desenvolvimento comercial do país requeriam a presença dessas mulheres no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros e cafés. O passeio pelas ruas no começo do século começou a ser permitido, mas obedecendo a um certo código social”. *Idem, Ibidem*, p. 264.
- [19] GONÇALVES, Márcia de Almeida. Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.* p. 192.
- [20] *Idem, Ibidem*, p. 207
- [21] *Idem, Ibidem*, p. 205
- [22] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 185.
- [23] *Idem, Ibidem*, p.185.
- [24] Segundo Pierre Bourdieu, “é significativo que o abandono da estrutura do romance como relato linear tenha coincidido com o questionamento da visão da vida como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significado e de direção”. *Idem, Ibidem*, p. 185. Já para Contardo Calligaris “o romance moderno começa como biografia ou autobiografia (...). (...)O traço autobiográfico permanece na literatura moderna como um índice preferencial de veracidade: se por algum artifício o autor se mostrar sincero, a história que ele conta será lida como verídica”. CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*. Arquivos pessoais, n. 21, 1998/1, p. 48. Em seu artigo sobre as aproximações e distanciamentos entre as biografias produzidas por historiadores e jornalistas, Benito Schmidt afirma que “o gênero biográfico emerge na história e no jornalismo no bojo de um processo de aproximação destas áreas com a literatura”, apesar de existirem algumas diferenças na forma como esta aproximação foi sendo constituída. SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997, p.5.
- [25] GONÇALVES, Márcia. Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.*, p.211.
- [26] *Idem, Ibidem*, p.210.
- [27] *Idem, Ibidem*, p. 210. Para Márcia Gonçalves esta foi uma “desconstrução proposital e pensada (...)de subordinar a figuração do biografado às escolhas autorais do biógrafo”. “A biógrafa selava com o artista-biografado, e à revelia deste, um pacto de vingança maior e inusitado contra o funcionário exemplar e tantas outras personas machadianas construídas de forma, literalmente, lapidar”. *Idem, Ibidem*, p.210
- [28] *Idem, Ibidem*, p. 216.
- [29] BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997, p. 11.
- [30] WADI, Yonissa Marmit e SOUZA, Keila Rodrigues. Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.99.
- [31] *Idem, Ibidem*, p. 99.
- [32] COSTA, Marcelo Timotheo. Entre a precocidade e o silêncio: a “escrita de si” cristã – os casos de Thomas Merton e Alceu Amoroso Lima. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 245. E os exemplos não se esgotam. Se quisermos, podemos retomar a Gilda Marinho de Benito Schmidt. SCHMIDT, Benito Bisso. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp. 155-171.
- [33] ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como gênero historiográfico. Algunas reflexiones sobre SUS posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso. *O Biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- [34] Vale aqui nos lembrarmos de uma alerta de Pierre Bourdieu, que vê o biógrafo como um “profissional da interpretação”. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 185.
- [35] ARFUCH, Leonor. *Op.Cit.*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- [36] ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Um exemplo de um trabalho biográfico de Norbert Elias em que ele reflete sobre a interdependência entre um indivíduo e a sociedade é *Mozart*. Ver em ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- [37] GONÇALVES, Márcia. Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.*, p. 214.
- [38] *Idem, Ibidem*, p. 215.
- [39] GOMES, Ângela de Castro. Rascunhos de história imediata: de monarquistas e republicanos em um triângulo de cartas. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.*, p. 44.
- [40] Idéia esta cunhada por Gilberto Velho, como forma de evitarmos, numa análise sobre trajetórias e biografias, “um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sócio-cultural rígido”. VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p.40.

- [41] SCHMIDT, Benito Bisso. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.*, p. 163. Para Benito Schmidt, “não se pode negar que construímos nossas existências de acordo com projetos por nós elaborados, os quais são mantidos, reforçados, alterados ou substituídos em função dos meios – aqui entendidos como campos de possibilidades – em que atuamos. *Idem Ibidem*, p. 160.
- [42] REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: e experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 38.
- [43] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Op.Cit.*, p. 173.
- [44] ARFUCH, Leonor. *Op.Cit.*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 100.
- [45] RÉMOND, René. Uma História presente. In: RÉMOND, René (Org.). *Op.Cit.*, pp. 35-36.
- [46] RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (Org.). *Op.Cit.*, p. 445.
- [47] SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Op.Cit.*, p.248
- [48] WADI, Yonissa Marmit e SOUZA, Keila Rodrigues. Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.*, p.101.
- [49] *Idem, Ibidem*, p.101.
- [50] CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: Jacques Revel (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 189.
- [51] *Idem, Ibidem*, p. 189.
- [52] De acordo com Manoel Salgado, para os micro historiadores, “a narrativa histórica não é apenas o relato do efetivamente acontecido porque necessário à razão histórica, mas também o relato das alternativas possíveis postas num jogo a ser decidido pelos atores históricos em questão”. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Micro-história: reconstruindo o campo de possibilidades. *Topoi*. Rio de Janeiro, nº 1, p. 222.
- [53] REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). *Op.Cit.*, p. 10.
- [54] *Idem, Ibidem*, p.12.
- [55] *Idem, Ibidem*, p. 23.
- [56] SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997, pp. 2-3
- [57] *Idem, Ibidem*, p.11
- [58] CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques (Org.). *Op.Cit.*, p. 196. Também Jacques Revel afirma que “uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise – ou (...) da escala de observação”. REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). *Op.Cit.*, pp. 12-13.
- [59] LEVI, Giovanni. *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- [60] GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- [61] Idéia cunhada por Benito Schmidt. SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*. vol.8, nº 10, jul/dez, 2004, p.131-142.
- [62] *Idem, Ibidem*, p. 139.
- [63] MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. *Cadernos Cedem*. UNESP/Franca, vol. 1, nº 1, 2008, p. 27.
- [64] Idéia retomada por Benito Schmidt. *Idem, Ibidem*, p. 139. Ou ainda o que nos diz Le Goff em seu *São Luís*, “Ele se constrói a si mesmo e constrói sua época tanto quanto é construído por ela. E essa construção é feita de acasos, hesitações, escolhas”. LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 18.

© 2002 - 2011 Revista Cantareira - Todos os direitos reservados.

Os direitos dos artigos publicados nesta edição são propriedade exclusiva dos autores.

Esta obra pode ser obtida gratuitamente no endereço web da revista. Pode ser reproduzida eletronicamente ou impressa, desde que mantida sua integridade.